

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº163 - SETEMBRO - PORTO VELHO, 2004
VOLUME XI

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

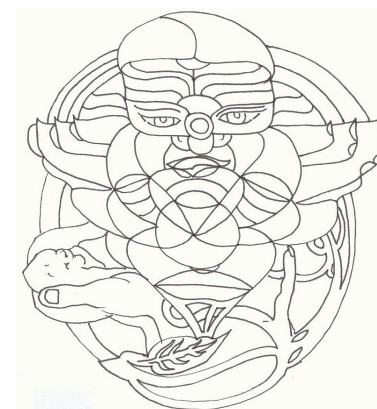
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

163



FLÁVIO DUTKA

A ABORDAGEM COMUNICATIVA NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA E A LEITURA NA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Klondy Lucia de Oliveira Agra



Muitos métodos e técnicas têm sido propostos com o objetivo último de levar o aluno a comunicar-se numa língua estrangeira. Entretanto, estas técnicas, infelizmente, não são aproveitadas no ensino da língua materna. O que se pretende neste artigo é chamar a atenção de professores e estudiosos da língua sobre a importância da Abordagem Comunicativa no ensino da Língua Materna. Detalhando como dar oportunidades ao aluno para aquisição da Competência Comunicativa em sua própria língua e de como as possibilidades deste aluno aumentarão tanto na construção de uma nova competência comunicativa em uma língua estrangeira, quanto suas possibilidades para um aumento de domínio social conferindo-lhe maior autonomia em todos os campos.

As aulas tradicionais da língua materna trazem grande número de exercícios escritos e alguns exercícios orais dirigidos. Este tipo de conversação convencional cujas discussões são geralmente dominadas pelos melhores alunos, enquanto o restante da turma permanece em estado de timidez, frustração e enfado, não desenvolve a competência comunicativa em sala de aula. Demonstra-se na prática que ao contrário das limitadas opções dadas ao aluno pela conversação convencional, as atividades comunicativas contribuem para que o aluno se torne, em grande parte, agente de sua própria aprendizagem: muito da responsabilidade da aprendizagem deixa de ser do professor e passa a ser do aluno.

PRÁTICA ORAL COMUNICATIVA

Os objetivos do ensino da língua podem ser vários, mas colocando como objetivo principal o desenvolvimento da expressão oral, obter-se-á um progresso contínuo do educando tanto na produção oral como na escrita.

A abordagem comunicativa, objetivando o ensino da competência comunicativa, trabalha com uma perspectiva mais ampla da língua. Não se pára no ensino das formas lingüísticas; examina-se também como o aluno pode usar essas formas quando ele precisa ou quer se comunicar. A língua, desse modo, é usada com o devido propósito comunicativo; como um meio para um fim: um instrumento de interação social.

O ensino comunicativo deverá apresentar ao aluno oportunidades para falar próximas do real, sem ter a precisão lingüística como preocupação básica. Por esse motivo, atividades comunicativas objetivam mais a comunicação do que itens a serem aprendidos. Nelas a fluência ocupa um lugar central. Por fluência, entende-se *"habilidade de se expressar sem hesitação excessiva numa dada situação, na fala ou na escrita"* (cf. Davies, 1980:100).

A ênfase na fluência, entretanto, não deve ser vista como uma desvalorização da precisão lingüística, que deve aqui ser entendida como *"um comando das estruturas gramaticais e sintáticas da língua"* (Davies, 1980:90). A volumosa quantidade existente de materiais e técnicas objetivando a aquisição de estruturas

lingüísticas claramente reflete a relevância que o domínio do sistema lingüístico tem recebido na aprendizagem de uma língua. Não obstante, acredita-se que o conhecimento de estruturas é somente um passo em direção ao objeto maior de ajudar o aluno a usar o sistema lingüístico criativa e flexivelmente, de tal maneira que possa se comunicar efetivamente.

A ênfase na fluência é fundamental como um meio de se estimular a confiança do aluno em sua habilidade de se comunicar. E esse desenvolvimento de autoconfiança pode se tornar crucial para seu futuro desempenho lingüístico, pois uma vez liberto da ansiedade causada pela insegurança comunicativa, pode mais facilmente, desenvolver a precisão lingüística¹.

Precisão e fluência, conseqüentemente, são dois aspectos do processo da aprendizagem de uma língua. Maley (1980) usa a distinção estabelecida por Stephan Krashen (1981) para, habilmente, associar o treino da fluência com aquisição e da precisão com aprendizagem. De acordo com Krashen, o processo por que um indivíduo passa para obter controle da língua nativa é a aquisição. Ela resulta do intercâmbio da criança com seu meio ambiente. Por outro lado, a aprendizagem é o que se abstrai conscientemente da experiência; é um processo que resulta do estudo consciente.

Segundo Krashen, a aquisição é um processo que permanece acessível a adolescentes e adultos, pelo menos até certo ponto, no desempenho da segunda língua. A aquisição vem a ser, sob esse aspecto, um processo subconsciente de 'construção criativa', pelo qual o aluno internaliza as regras da segunda língua. Entretanto, quando a atenção do aluno é focalizada nas formas lingüísticas e ele tem bastante tempo para pensar, é mais provável que seu desempenho lingüístico seja influenciado mais pela aprendizagem (o processo consciente).

O fato da comunicação oral exigir que a formulação de frases e o processo de seleção que a precede sejam feitos muito rapidamente, isto é, no 'tempo real', pressupõe que o processo da aquisição é o que vai operar mais. Já que o aluno não tem tempo para estudar em profundidade o que ele vai dizer antes de converter seus vários significados psicológicos e conceituais para a forma oral, todo o processo será provavelmente espontâneo, com os alunos usando mais conhecimento adquirido do que conhecimento aprendido.

Não obstante Krashen afirmar que "*nossa fluência numa segunda língua é resultante do que adquirimos, não do que aprendemos*" (Krashen, 1981 a : 99), a distinção entre aquisição versus aprendizagem e fluência versus precisão vem se tornando distinta nos artigos e livros de pesquisadores experientes como Brumfit (1984), que apresenta um modelo alternativo do processo de ensino de língua no qual sugere: (1) Mais tempo de ensino para a prática da precisão no início do curso do que na sua continuidade, quando a prática da fluência deve dominar quantitativamente; (2) o conhecimento consciente passará a conhecimento inconsciente através de atividades para desenvolver a fluência.

¹ Note-se que estes estudos foram feitos com o intuito de esclarecer os processos de aprendizagem de uma língua estrangeira, mas como diz Daniel Coste em seu artigo **Leitura e Competência Comunicativa** (GALVES, C. e ORLANDI, E. Campinas, SP: Pontes, 1997.) : "*Competência comunicativa põe em jogo funções de ordem cognitiva, volitiva, afetiva e toda uma experiência social*. Então como não aplicar estes estudos para o ensino e aprendizagem da língua materna?!

Faerch, Haastrup e Phillipson em seu livro *Learner Language and Language Learning* (1984) tendem a concordar que a aquisição se torna aprendizagem e que a aprendizagem se torna aquisição. Segundo eles, o conhecimento aprendido pode ser mais tarde adquirido através do caminho normal para a aquisição, e o conhecimento adquirido pode ser mais tarde aprendido através da explicação, prática e exercícios.

Parece, então, que a aquisição e a aprendizagem, a fluência e a precisão não são opostas entre si, mas se completam, uma reforçando a outra. A prática pedagógica, entretanto, continua enfatizando a forma, em detrimento do conteúdo; a precisão, em detrimento da comunicação. Há necessidade de se concentrar a atenção do aluno em outros aspectos além dos da língua propriamente dita. Há necessidade de atividades nas quais o mundo real entre em cena. Precisamos de materiais que estimulem e levem o aluno a falar tão naturalmente o quanto possível, de modo que sua conversação na sala de aula espelhe a comunicação da vida real.

O INTERESSE DO ALUNO NAS ATIVIDADES COMUNICATIVAS

Os objetivos dos alunos, suas expectativas e valores têm que ser cuidadosamente considerados nas atividades comunicativas. Os tópicos relevantes e interessantes ao aluno é que ligam o mundo real deste aluno ao mundo da sua sala de aula. E, são estes tópicos que despertarão e manterão seu envolvimento no processo de comunicação real na aula, criando assim um propósito para se comunicar e a vontade de verbalizar significados através de um sistema dinâmico e flexível que lhe fornece os meios para criar mensagens para ele próprio e para outros.

Assim sendo, para criar um ambiente propício ao aluno, o material apresentado deve apresentar oportunidades para este aluno criar e adaptar. Sem que determine em detalhes o conteúdo lingüístico ou conceitual que será produzido.

Na abordagem comunicativa, o material deixa de ser um fim em si mesmo e torna-se um recurso para o progresso de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, ele age como um elo entre o aluno e seus colegas, o aluno e o professor, o aluno e seu objetivo.

As atividades propostas na abordagem comunicativa deixam a cargo dos alunos muitas decisões que devem ser tomadas no decorrer das realizações das tarefas. Divididos em grupos ou pares, eles percebem que não podem agir como meros receptores de informação, pois as atividades não são baseadas na apresentação do professor e eles têm que trabalhar muitas vezes sozinhos, como 'agentes de sua própria aprendizagem'.

Para que haja sucesso no ensino da língua através da abordagem comunicativa, torna-se imprescindível que desperte o interesse real do aluno através de assuntos e materiais que forneçam a eles subsídios necessários a necessidade de comunicação.

A COMPETÊNCIA LINGÜÍSTICA E A LEITURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

A leitura não é uma operação de ritmo estável, nem mesmo na língua materna. Mesmo para um leitor experiente, é preciso conceber a leitura como modulada, sempre suscetível de mudar de relação e de marcha.

Para uma leitura significativa, seja na língua materna, seja na língua estrangeira, é necessário que o leitor se concentre nos elementos importantes que transmitem a mensagem, isto é, nos grupos de palavras ou frases, não em palavras isoladas. Justamente por isto, importa o desenvolvimento da competência lingüística no aluno, primeiramente na língua materna, para que ele possa, ao ler o texto, compreendê-lo. E ao se deparar com um texto em língua estrangeira, certamente este aluno, possuidor da competência lingüística, terá menos dificuldades em usar seu sentido em busca de significado, do que uma pessoa falante da língua, mas sem competência lingüística.

O professor deve ajudar o aluno a formar um vocabulário básico de leitura e encorajá-lo a desenvolver, através da abordagem comunicativa, a competência lingüística. Tanto na língua materna como na língua estrangeira, torna-se maçante para o aluno, ter de consultar dicionário em busca de significados a cada palavra desconhecida.

É importante que o professor leve o aluno a esgotar todos os outros meios de descobrir o significado das palavras desconhecidas em um texto, antes de consultar um dicionário. Se o aluno verificar no dicionário o significado de cada palavra desconhecida ao ler um texto, perde a visão do todo e no final terá uma grande quantidade de informações desconexas, sendo impossível sua absorção.

O aluno deve ser capaz de deduzir o significado através do contexto em que a palavra se encontra ou através da estrutura da palavra, antes de lançar mão do dicionário. Às vezes o aluno não possui estas habilidades na sua língua nativa, então é necessário desenvolvê-las, pois isto é competência comunicativa. Com estas habilidades desenvolvidas o aluno terá também facilitado seus problemas com a leitura em língua estrangeira. Anderson e Freebody (1979) afirmam que a leitura é importante para ajudar o leitor a adquirir vocabulário e que um bom vocabulário, por sua vez, assegura uma melhor leitura. Isto se aplica também a língua estrangeira.

Segundo Smith (1991), aprendemos a maior parte dos significados das palavras que conhecemos através do contexto em que estão inseridas. Por isto, quanto mais praticarmos a leitura, tanto mais eficientes leitores nos tornamos.

Então, como vimos, competência comunicativa permite, inclusive numa língua estrangeira, um aumento de domínio social e maior autonomia ao sujeito. Visto que, a leitura e a compreensão vão depender do nível da competência comunicativa do leitor.

Há vários caminhos para despertar interesse no aluno para a aquisição e aprendizagem da língua. Muito do ensino e aprendizagem oral ainda se encontra relativamente sub-pesquisado. E as propostas inovadoras que vem aparecendo vão encontrar barreiras no sistema educacional vigente. Mas sem dúvida, a medida que o aluno desperta seu interesse por determinados assuntos e tem vontade de discutir ou emitir sobre seus pensamentos, este desejo de participação o ajudará não somente na aprendizagem da Língua, mas no entendimento de outras disciplinas e na compreensão mais clara do seu próprio mundo. Ao fazer uso da Abordagem Comunicativa no ensino da Língua Materna, devemos visar o despertar do interesse real do aluno e sua vontade de opinar, defendendo a aprendizagem

centrada no aluno não só em termos de conteúdo, mas também de técnicas usadas em sala de aula, deixando o professor de exercer o seu papel de autoridade, de distribuidor de conhecimentos, para assumir o papel de orientador, encorajando o aluno a participar e acatando sugestões, só assim o aluno estará livre para pôr em prática o uso da aquisição da língua e construir sua própria aprendizagem, dominando sua fala e aprendendo a ler e escrever com fluência.

BIBLIOGRAFIA

BREEN, M.P. and C.N. **The essentials of a communicative curriculum in language Teaching Applied Linguistics**. Candlin, 1980.

BRUMFIT, C. J. **Communicative Methodology in language Teaching**. CUP, 1984.

CODER, P. **Talking shop: language teaching and applied linguistics**. Elt Journal, 1986.

DAVIES, N. F. **Language acquisition, language learning and the school curriculum**. System, 1980.

FAERCH, C. et al. **Learner Language and Language Learning**. Multilingual Matters, 1984.

KRASHEN, S. D. **Second Language Acquisition and Second Language Learning**. Pergamon Press, 1981.

_____(1981 a). **Effective second language acquisition: Insights from research**. In Alatis J. E. et al (eds.) *The Second Language Classroom: Directions for the 1980's*. OUP, 1981.

MALLEY, A . **Teaching for communicative competence: Realty and illusion**. *Studies in Second Language Acquisition*, 1980.

MATHEWS and REED, A. , C. **Tandem**. Evans, 1981.

VON DAHL, G. **Travelling: a class project**. *Modern English Teacher*, 1981.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

Melhor moradia é a cova

*que não conhece posse
nem derrelição.
Lá todas as contas estão certas
e mesmo que por cima
se joguem palavras palavras
e lágrimas lágrimas
virá um vento
capaz de carregá-las.*

CARLOS MOREIRA